

Rogério Ferreira de Araujo

Professor de Língua Portuguesa e Literatura, escritor e jornalista
Mestre em Estudos Literários (UERJ)
Licenciado e bacharel em Letras e Literatura (Unesa e Unesa)
Licenciado em Filosofia e Pedagogia (Uninter)
Bacharel em Jornalismo (Unesa)
Pós-graduado em Língua Portuguesa e Literatura (Faveni)
Pós-graduado em Leitura e produção Textual (Unesa)

RESUMO

Lima Barreto em seus romances, crônicas e contos sempre utilizou de sua percepção aguçada para pintar as suas obras da cor em que via a sociedade brasileira. Assim, falou de suas mazelas, periferia, racismo e melancolia dos mais desfavorecidos que pareciam ter um destino já traçado e não promissor como o de muitos. Por essas e outras, o autor se apresentava nas suas histórias direta ou indiretamente para fazer valer suas ideias e fazendo com que houvesse uma reflexão a respeito, mesmo com a sátira bem ácida e crítica implementada. As histórias eram do universo vigente, deixando uma cicatriz em tempos vindouros, mas com objetivo de abrir para que um dia pudesse ser estancada.

Palavras-chave: *Lima Barreto*; Autorretrato; História; Brasil.

INTRODUÇÃO

Os autores, geralmente, vez ou outra, tendem a introduzir em seus escritos literários algo que se assemelha ao tempo em que vivem. A situação vigente do país – política e econômica – bem como outros aspectos intrínsecos na vida cotidiana dos autores e em sua percepção pessoal.

Um aspecto muito peculiar, possível de notar nas produções literárias de Lima Barreto quando, na verdade, ele se insere de tal forma nas obras que mais parece um autorretrato de suas ideias e sua vida do que simplesmente algo ficcional. É uma mistura do real com a ficção como a pintura de um quadro assinado pelo autor.

Certamente que personagens barretianos, pelo menos alguns deles em especial, são alter egos do próprio autor, para dar voz às suas ideias e até mesmo denúncias mais ácidas, como era de seu costume, com objetivos muitos claros, por meio de uma obra literária e pseudo ficção.

Lima Barreto usou desses artifícios de maneira ímpar, o que o diferenciava de outros colegas de sua época e de gerações vindouras, pois não tinha medo de demonstrar dentro de sua obra, o que pensava da realidade

vivenciada.

Sendo assim, é possível notar exemplos práticos do que vivia e retratava em suas produções escritas, bem como o que outros autores e críticos falavam a seu respeito e do que descrevia, de forma mais direta ou mesmo indireta por meio de personagens ficcionais, mas reais.

Lima Barreto: um autorretrato literário do que vivenciava

O conhecido autor brasileiro, para embasar seus escritos, lia renomados autores internacionais como Zola, Dostoiévski, Tolstói, Turguêniev, com quem o escritor manteve, inclusive, um “profícuo diálogo intertextual” (FREIRE, 2011, p. 4).

A inspiração foi tanta nos colegas estrangeiros que até mesmo demonstrava o desejo de escrever a “História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade” (BARBOSA, 1975, p.142). O que seria, segundo ele mesmo, uma espécie de “Germinal Negro” – do Germinal original de Zola – “com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia”, como se referiu Barbosa (1975, p. 142).

De acordo com Cândido (1989), na obra de Lima Barreto, o mesclado entre biografia, ficção e impressões da realidade fazem com que os textos elaborados como verdadeiros documentos avancem para a criação e os textos produzidos como ficção literária se transformem numa “documentação ou coincidência biográfica”. Seja esses aspectos positivos ou não, acaba por alavancar para um dos aspectos mais polêmicos da obra barretiana.

Figueiredo e Ferreira (2017, p. 13) lembram que as primeiras décadas do século XX era um “período marcado pela economia que transforma indivíduos em ávidos espectadores de dramas urbanos, guiados por impulsos e sensações distantes da aglomeração mutáveis nas ruas e seduzidos por um experiências acerca de limites da consciência.”

O autor sofria na pele, literalmente falando, o que discorria em palavras em suas obras. Usava de sátira bem ácida, críticas bem elaboradas para dar voz a personagens que, na verdade, o representavam nas ideias e dizeres com propriedade e endereços direcionados.

Nada foi por acaso. Tudo tinha um propósito definido pela realidade experimentada e que precisava, na visão do autor, ser combatida e virar uma chamada para que o leitor refletisse sobre o assunto e, é claro, chegasse a quem era o alvo do seu protesto.

Segundo Borges (2013, p. 332): “Dentre os escritores de sua época, Afonso Henriques de Lima Barreto, foi o que mais denunciou o racismo. Como sempre esteve ciente da exclusão do negro na sociedade, por isso, colocou-o em lugar de destaque na sua literatura. [...]”. A questão do racismo é apenas um dos exemplos dos temas abordados com frequência pelo autor em suas obras, mas não único.

Nada mais apropriado quando se fala do que é vivenciado, por isso Lima Barreto usava seus textos em diversos gêneros (contos, romances, crônicas) para pincelar de maneira bem forte o que via e vivia.

Como bem resumiu Borges (2013, p. 332) quando disse: “[...] ao falar de si mesmo, o autor possibilita que toda uma massa de excluídos fale com ele”. E exatamente esse era o seu objetivo!

E nada melhor do que dar voz ao autor por meio de suas obras ou de cartas enviadas a outros destinatários¹, para ter uma melhor noção de como falava diretamente ou por meio de personagens:

- *“Não se pode compreender no nosso tempo, em que as coisas do pensamento são mostradas como as mais meritórias, que um cidadão mereça injúrias, só porque publicou um livro”*²

Essa declaração, disse, ao saber de críticas feitas a seus livros, justamente pelo fato de falar da realidade que comentava e que muito incomodava o mundo em que vivia.

Um exemplo é o seu primeiro livro *Recordações de do Escrivão Isaías Caminha*, lançado em 1909, que mexeu com a imprensa, sendo ele mesmo jornalista. Muitos se sentiram ofendidos e até mesmo o boicotaram, não o citando o quanto possível ou fazendo críticas negativas por conta de como tratou o assunto em sua obra ficcional, mas baseado no real.

Nesta primeira obra citada e lançada, o autor faz “não apenas o retrato implacável das mazelas da imprensa, mas, também, uma crítica radical da hipocrisia e do preconceito reinantes na sociedade brasileira.” (FREIRE, 2011, p. 14)

- *“É incrível a ignorância dos nossos literatos; a pretensão que eles possuem não é secundada por um grande esforço de estudos e reflexão”*³

Lima Barreto era extremamente crítico aos autores da época devido ao fato de muitos seguirem padrões de outros renomados internacionais ou mesmo por possuir um texto muito erudito e que o distanciava do povo. Assim, era ferrenho opositor da forma de escrita de Machado de Assis, Coelho Neto, dentro inúmeros outros.

- *“Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil [...] vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.”*⁴

Essa declaração, por meio de personagem, ocorreu porque o autor tinha verdadeiro asco aos estrangeirismos que se introduziam no país. Para ele, o Brasil nasceu pela língua indígena de tupi-guarani e era uma

¹ ARNONI PRADO, Antonio (org.). *Lima Barreto: uma autobiografia literária* / organização, apresentação e notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Editora 34, 2012.

² Carta a João Ribeiro, 3 de junho de 1917.

³ Diário Íntimo, 1905, sem data.

⁴ Triste fim de Policarpo Quaresma, 1911.

temeridade vê-la ser massacrada por outras advindas de outros países que nada representavam a formação histórica e cultural brasileira.

- “[...] a literatura é própria para nos dar essa impressão de vida e mais do que nenhuma outra arte, ela consegue dar movimento, senão cor, a essa vida.”⁵

O autor fala sobre a importância da literatura e sua função primordial. Dar “movimento” para provocar os leitores e não ser conivente com o que acontece à sua volta e única e exclusivamente ser uma ficção, alheia à realidade.

E dar “cor a vida” é algo que promove a transformação e não apenas uma contemplação de um texto, por mais que este seja bem escrito e elaborado. É algo que emociona, mexe com o leitor de mais a mudar a cor de sua vida.

- “De quando em quando, porém, surge um mais audacioso e nos dá pinturas flagrantes dessa vida, [...] É um meio de nos ligar, de nos fazer compreender uns aos outros, nesta vastidão de país que é o Brasil.”⁶

Numa declaração bem direta, fala sobre autores e suas obras que possuem características de “nos dá pinturas flagrantes dessa vida”, ou seja, colocar a mão na realidade e dela comentar para levar leitores à reflexão, seja por meio mais direto da crônica ou indireto dos contos e romances. Ele certamente disse isso por experiência própria porque assim agia e elogiava quem também seguia sua cartilha.

- “Falam muito de amor, mas sem grandeza, nem drama, nem tragédia. O amor delas é um amor honesto ou semi-honesto [...]. Evadido desse sentimento, eu só o acho digno da poesia quando ele sopra com fúria nas almas para cumprimento do Destino”⁷

Lima Barreto aqui poetiza o amor. Fala da poesia da qual era até admirador, mas não a escrevia. Elogiava quem a expressava de maneira bem emocionante. Refutava quem a fazia sem esses propósitos, apenas por se dizer um poeta.

- “A Academia é perfeitamente o cemitério das letras e dos literatos. Os que lá estão não passam de cadáveres bem embalsamados e, muito melhor os mais moços, devido ao aperfeiçoamento atual do processo. O progresso é uma grande coisa... [...] Todos os mortos, pensei eu, avisadamente, merecem o nosso respeito e piedade.”⁸

⁵ Da crônica, “História de um mulato” (1922), em *Impressões de Leitura*, 1956.

⁶ Da crônica, “História de um mulato” (1922), em *Impressões de Leitura*, 1956.

⁷ Da crônica “Um poeta e uma poetisa”, *Impressões de leitura*, 1956.

⁸ Da crônica “Duas relíquias” (1920), em *Bagatelas*, 1923.

Aqui faz uma ácida crítica à Academia Brasileira de Letras – onde tentou, sem sucesso entrar por três vezes, sendo preterido – onde, para ele, era composta de “cadáveres embalsamados” de literatas mais antigos e detrimento das novas ideias dos mais atuais.

Lima Barreto era um ferrenho crítico como a forma de escrita erudita e muito elitizada afastava os escritores e as obras do leitor. Sabendo de toda dificuldade que vivia, mesmo sendo considerado um grupo seletivo de autores, preocupa-se que os livros pudessem ser lidos e não apenas lançados para a elite, como parece insinuar que colegas literários pretendia.

Desta forma, pelas palavras do próprio autor, foram lançados inúmeros pensamentos sobre os mais variados assuntos e que, não tinha a menor pretensão de poupar ninguém, mas a de opinar mesmo, sem censura, a respeito do que via e ouvia na sociedade, literatura e política.

Lima Barreto: algumas críticas a respeito do autor e suas obras

Devido a seu estilo muito peculiar de escrever, seja no meio jornalístico seja no meio literário, Lima Barreto sofreu inúmeras e pesadas críticas.

Essas críticas foram desde a sua escrita propriamente dita (linguagem, formato) até o conteúdo e ideias apresentadas sem medo de opinar sobre a sociedade vigente, direta ou indiretamente.

Alguns literatas, jornalistas ou outras personalidades deixaram suas análises a respeito do autor⁹. E ninguém melhor do que elas para se ter um parâmetro sobre a amplitude de suas produções escritas.

- *“De Lima Barreto não é exagero dizer que lançou entre nós uma fórmula nova de romance.”* (Monteiro Lobato) ¹⁰

Esta análise feita em sua própria época, entre os poucos que sempre teciam elogios a Lima Barreto, veio a calhar e, como era um escritor já de renome, sempre era bom afagar os escritos barretianos em meio à turbulência em que vivia na imprensa e no meio literário.

- *“Sua obra é uma galeria de caricaturas sociais, magistralmente traçadas. [...] Lima Barreto é um caricaturista. [...] A revolta contra os males sociais rompe amiúde o verniz da ironia.”* (Tristão de Athayde) ¹¹

Mais um que o elogia, porém, em anos posteriores à sua morte, chamando-o até mesmo de caricaturista devido personagens bem criados

⁹ ARNONI PRADO, Antonio (org.). *Lima Barreto: uma autobiografia literária* / organização, apresentação e notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Editora 34, 2012.

¹⁰ Artigo *Livros Novos*, em março de 1919.

¹¹ Artigo “Um discípulo de Machado”, no “Suplemento Literário”, do jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, em 18 de abril de 1943.

com objetivos definidos para um propósito a cumprir. Essas críticas positivas sempre motivam muito um autor que busca sua ascensão em detrimento das más palavras que o puxam para baixo.

- *“Lima Barreto é um dos poucos escritores que entre nós compreenderam verdadeiramente o nosso país [...]”* (Caio Prado Júnior)¹²

Escritor que compreende o país e sua realidade parece algo raro. Muitos apenas escrevem, distanciando-se da realidade para não gerar conflitos e apenas viver a sua vida. Quem escreve assim, com intuito de mudar o que se vê e vive, não tem medo de mostrar sua obra como algo reflexivo e objeto de transformação de uma situação real, mesmo usando a ficção para este fim.

- *“O que parece fora de dúvida é que o verdadeiro Brasil está nos livros de Lima Barreto do que nos dos escritores citadinos ou regionalistas.”* (Francisco de Assis Barbosa)¹³

Um dos primeiros biógrafos de Lima Barreto, que o pesquisou e o compreendeu como poucos, fala que o autor entendia a respeito de seu país. E estava certo. Ele mesmo em sua época foi perspicaz em chamar a atenção para temas tabus, talvez, até hoje em dia. E com intuito de ajudar a refletir e mudar a realidade do Brasil, que simplesmente ignorava os temas ou tinha receio de tratá-los como deveria.

- *“Com efeito, trata-se de um elemento pessoal que não se perde no personalismo, mas é canalizado para uma representação destemida e não conformista da sociedade em que viveu.”* (Antônio Cândido)¹⁴

Não conformista é justamente o que era Lima Barreto. Ele não se conformava em simplesmente escrever como não percebesse a realidade à sua volta. Ele queria falar sobre o que chamava sua atenção para que todos pudessem saber e refletir sobre o tema.

- *“Lima Barreto, a bem dizer, deu de ombros à própria glória literária. Não pensou nela. Escrevia por desaforo. [...] Não houve, nas letras brasileiro, escritor tão revolucionário.”* (João Antônio).¹⁵

“Escrevia por desaforo” parece uma expressão bem ímpar para definir Lima Barreto. O seu estilo bem próprio não se enquadrava em padrões e, o mesmo tempo, era algo que impulsionava a literatura rumo a mudanças

¹² Da revista *Leitura*, do Rio de Janeiro, em agosto de 1943.

¹³ No prefácio às *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em 1956.

¹⁴ No artigo “Os olhos, a barca e o espelho”, publicado no “Suplemento Cultural”, do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 17 de outubro de 1976.

¹⁵ No artigo para o *Jornal do Brasil*, em 17 de junho de 1978.

na sociedade e não somente a escrita pela escrita sem objetivos definidos.

- *“Lima Barreto centrava as baterias da sátira nos tipos locais de sua convivência com a cidade, suscitando no leitor a ideia promissora [...] de que outras devesse e talvez pudesse ser a nossa realidade, caso a República se norteasse por princípios justos e solidários, herdeiros radicais da Ilustração e da Revolução Francesa.”* (Alfredo Bosi) ¹⁶

Uma literatura que refletisse para uma sociedade com “princípios justos e solidários”. Eis os ideais barretianos tecidos por um autor que pensava no todo e não apenas em si mesmo e na literatura que produzia. Ele sabia da necessidade de mudar uma realidade e não apenas escrever para ser maior e melhor e crescer profissionalmente.

Por isso que, talvez, foi tão incompreendido, boicotado e criticado por grande parte da imprensa e os chamados literatos de sua época.

“[...] A verdade é que Lima Barreto não foi o gênio que nele suspeitam alguns dos seus admiradores e nem é possível, sem injustiça, equipará-lo ao autor de Brás Cubas [...]” (Sérgio Buarque de Holanda) ¹⁷

O menosprezo de suas obras ou comparação como se tivesse de ser como a de outro autor considerado por muitos referência – como Machado de Assis – não ajuda na análise propriamente dita dos escritos de um determinado autor, mas serve para dar novo viés à análise de suas obras. Cada um possui suas características e as críticas são várias – positivas ou negativas – gostem ou não, de maneira singular. O que mais importa a função que o escritor exerce em sua obra e a diversidade de estilos dos autores.

- *“O que aproxima Lima Barreto de Machado de Assis são as explorações em profundidade que ambos realizaram, quase sós, em seu tempo.”* (Lúcia Miguel Pereira) ¹⁸

Aqui uma análise equilibrada e comparativa sobre semelhanças entre dois autores de obras bem profundas, feita num ano que ambos já haviam falecido. Suas obras, como diz o termo comum e acadêmico, são “imortais” e pode sofrer diversas críticas ao longo do tempo.

Muitas foram as análises feitas a respeito de Lima Barreto. E sejam elas quais forem, norteiam todo um acervo escrito em vida para imortalidade das palavras que ficam para a História.

Lima Barreto e as “cores sociais” em suas obras

Schwarz (2017) disse que através do detalhe é “[...] possível

¹⁶ De “Figuras do eu nas recordações de Isaías Caminha”, em *Literatura e resistência*, 2002.

¹⁷ Artigo no Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, em 1949.

¹⁸ Prosa e Ficção: de 1870 a 1920, 1950).

descobrir um escritor muito atento as variações de cor negra e as especificidades de uma literatura impactada pelos temas e pelas cores sociais [...]”. Tudo porque era difícil retratar alguém de uma pele não branca que não fosse de escravos ou mesmo vilões.

No seu romance *Clara dos Anjos*, a personagem-título e sua família era negra. Apesar de sofrer na história pelas mãos do vilão, branco, acabou sendo uma ficção bem real do que acontecia como de costume. No final, com todo conformismo diz “Nós não somos nada nesta vida”. Porém, serviu mais para chamar a atenção do que propriamente para se adequar aos acontecimentos. Será que ao deparar-se com esta situação, o indivíduo não pode pensar em mudar a sua condição?

Sendo nesse ou em outros romances, contos ou crônicas, Lima Barreto sempre levava a baile um tema bem polêmico que muitos outros colegas literatas tinha medo de retratar.

Falar sobre desigualdades sociais, racismo, marginalização e dar voz a periferia é algo considerado impróprio e sem necessidade. Como se a literatura tivesse sempre de mostrar apenas o belo e o agradável.

Não parece ser algo considerado tão agradável – assim diziam muitos críticos literários – dar voz e colocar no protagonismo os desfavorecidos e negros que eram tão discriminados. Mas na obra barretiana isso era algo comum e não à toa, mas propositalmente.

Segundo Batalha (2012, p. 53): “Em uma espécie de contramão, o realismo de Lima inclina-se para um caminho do Realismo-Naturalismo [...] Nesse sentido, Lima Barreto traz de volta uma tradição realista autenticamente nacional, esquecida em prol de um vanguardismo estético-formal”. E exatamente isso que era combatido por ele como uma literatura elitizada que se isolava e não atingia a todos por igual.

Ao se aproximar de uma literatura mais natural, retratando vidas bem próximas da realidade, Lima Barreto fugiu do que se via até então em sua época. Parecia uma literatura mais padronizada, como se todas fossem engessadas e com características peculiares, vindas de uma fonte considerada “garantia de sucesso de público”. Mas isso não era uma verdade absoluta.

O autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* provou que não ter medo de colocar a mão nas feridas das mazelas da sociedade pode gerar um grande impacto. E seu objetivo, ainda que bombardeado de críticas ferinas, foi cumprido em seu tempo e até adentrou os vindouros ao, até hoje, repercutir a respeito de assuntos que mexem e fazem refletir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como diz uma famosa frase, atribuída a Lima Barreto: “O Brasil não tem povo, apenas público. Povo luta por seus direitos, público só assiste de camarote”. E por essas e outras que o autor não se conformava em ser apenas um escritor de outras ficcionais, mas se empenhava em se apresentar sempre com um *alter ego* em seus escritos como personagem ou mesmo em

críticas mais veementes.

O autor fez do autorretrato o seu maior estilo literário, sendo assim, o que há de mais promissor em suas obras. A mistura de ficção com a realidade fez com que os textos não se tornassem apenas ilusórios, mas, sim, presentes para cada um como uma extensão da própria vida do leitor.

Pintando verdadeiras obras de arte, através das palavras para ser admirada, refletida e ativa e não estática, como muitas outras, que não possuem este nobre objetivo de contar e mudar a própria história vivenciada por quem escreveu e quem lê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNONI PRADO, Antonio (org.). *Lima Barreto: uma autobiografia literária / organização, apresentação e notas de Antonio Arnoni Prado*. São Paulo: Editora 34, 2012.

BARRETO, Lima. *Lima Barreto: Obra Reunida*. Volumes 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BATALHA, Maria Cristina. *Lima Barreto e o viés do Realismo Popular na Literatura Brasileira*. São Gonçalo: Pensares em Revista, jul.-dez., 2012.

BORGES, Luciana. “Personagens femininas e mulatas no universo ficcional de Lima Barreto”. In: ____ *Leituras de Gênero e interculturalidade*. Dourados: UFGD, 2013.

BOTELHO, Fábio (organização, pesquisa e introdução). *Lima Barreto: Sátiras e outras subvenções – textos inéditos*. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics – Companhia das Letras, 2016.

CÂNDIDO, Antônio. Os olhos, a barca, o espelho. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de; FERREIRA, Célia Maria (organizadoras). *Lima Barreto, Caminhos da Criação: Recordações do Escritor Isaías Caminha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

FREIRE, Zélia Nolasco Santos. *Lima Barreto e Literatura Comparada – ensaios*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SCHWARZ, Lília Moritz (organização e introdução). *Contos Completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Lima Barreto: triste visionário*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TEDESCHI, Losandro Antonio (org.). *Leituras de gênero e interculturalidade*.
Dourados, MS: UFGD, 2013.